EXPEDIENTE.

—A Revista espera prestar em breve ás letras patrias o eminente serviço de publicar algumas preciosas amostras da excelente traducção, que das Fastos de Ovidio está fazendo o Sr. A. F. de Castilho. Abençoados os ocios, em que tão erudito poeta levanta pelas suas mãos mais um monumento, em que viva a memoria do traductor das Methamorphoses, que se houvera nascido em outra terra, sem ser Portugal, teria da posteridade o monumento, que nunca se deve negar ao saber, ao genio e á virtude.

—A carta, com que nos honrou o nosso amigo o Sr. João Palha, é uma prova de que não foi debalde, quando, ácerca da grave questão da molestia das laranjeiras, appellámos para quantos nos podessem auxiliar em tal materia. Esperamos, que o Sr. Albano e o Sr. Palha serão ainda instados por outras pessoas, que se interessem por assumpto tão proficuo e nacional. A carta, a que nos estamos referindo, será publicada em o numero seguinte.

—Logo que se termine a publicação da tragedia *Marino Faliero*, publicaremos o *Auto da Boa Estrea*, que mui justamente é desejado por alguns dos nossos leitores. — Entam daremos as rasões porque temos demorado a publicação de obra de tão subido merito.

—Entre varios artigos, que hoje nos ficam retirados se comprehendem um, ácerca dos — *Annaes Municipaes* — e outro ácerca dos — *Theatros subsidiados*.

—Agradecemos ao Sr. Tullio a sua carta e os seus artigos, e folgamos que assim nos comece a cumprir a promessa feita.

Publicações recebidas:

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Luzitana, n.° 6 do tomo v. — Contêm entre varios artigos, os seguintes: — Observações ácerca da purificação do azeite, e dos oleos d'amendoas e de rccino pelo Sr. V. Tedeschi — Licções de electricidade e magnetismo pelo Sr. Dr. B. A. Gomes. — Descripção da machina electro-magnetica de Black, e seu modo de applicação como agente therapeutico pelo Sr. Dr. Beirão.

Revista Popular, n.° 14.

Archivo Portuguez, n.° 4.

CONHECIMENTOS UTEIS.

PORTE DOS JORNAES.

462 A lei que ácerca do porte dos jornaes acaba de passar na Camara dos Srs. Deputados, é uma lei civilisadora, que não póde deixar de nos merecer alguma attenção.

O facto da sua approvação significa para nós mais do que o seu resultado.

As provisões que encerra em relação ás necessidades da nossa imprensa estão longe ainda dos melhoramentos que se reclamam; mas são um passo para se alcançar o que falta.

Nesta época em que todos os direitos se discutem, em que todos os deveres se analysam, a imprensa foi reconhecida como um principio indispensavel para a constituição das sociedades. Todos juraram este dogma, embora combatessem debaixo de differentes bandeiras.

O sentimento geral da Europa não podia deixar de influir em Portugal.

O assumpto já tinha sido proposto em outras legislaturas; mas nunca havia sido saudada com tanta distincção.

A mudança explica-se pelas tendencias do tempo.

Os redactores do *Jornal dos Economistas*, publicado em França, no primeiro numero que deram á luz depois da revolução de fevereiro escreveram: — «em tres dias andámos meio seculo» — quanto a nós, já antes de fevereiro se caminhava assim.

Desde que a espada não combate, a penna ainda não cessou de escrever.

A civilisação ao presente é o vôo do pensamento e não o caminhar da força.

Em a nossa terra o trabalho da intelligencia lento, e mal apreciado, não só carece que lhe destruam todos os obstaculos, mas tambem precisa de auxilios poderosos.

Brevemente fallaremos desta materia; por hoje limitar-nos-hemos ao porte dos jornaes, sem tocar em outros pontos relativos á tam desejada e indispensavel reforma dos nossos correios.

Além da impressão, do custo do papel e do trabalho da intelligencia, quasi sempre mal pago, os nossos jornaes não podem sahir das terras em que se publicam, porque o porte do correio dobrando-lhes o preço se oppõe á circulação das idéas que elles incerram.

O Sr. D. José Lacêrda avaliou bem todas estas considerações quando apresentou o seu projecto para a total exempção do porte. Por em quanto esta exempção era um grande acto de justiça e um meio economico e efficaz do educar o povo.

O Sr. Rebello da Silva modificando a idéa do Sr. Lacerda, ligou no seu projecto á questão dos portes a importante questão dos direitos sobre o papel.

Ambos os illustres deputados são dignos de elogio por haverem promovido a solução destas questões de maximo interesse.

A commissão pondo por em quanto de parte o que se referia ao papel, limitou o pensamento do Sr. Lacerda, diminuindo o preço do porte, mas não o acabando para todos os jornaes.

Os jornaes litterarios ficaram exemptos.

O favor que recebemos dezejavamos, que tambem fosse gosado pelos jornaes politicos, mas apezar deste nosso dezejo, não deixaremos de reconhecer, que a commissão é tambem digna do maior louvor.

A proposta do Sr. Caldeira, judiciosamente ampliada pelo Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros, promoveu uma das resoluções mais importantes d'esta discussão.

Os jornaes estrangeiros ficarão no reino egualados aos portuguezes.

O Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros póde tirar d'esta resolução algumas compensações uteis para a nossa imprensa.

Assim o esperamos do interesse com que S. Ex.ª abraçou esta questão.

Aguardamos, com anciedade, a decisão da camara dos D. Pares, para marcarmos o dia da promul-

gação da lei, que regule o assumpto, como um dos que para sempre se deve recordar, como de grande gloria, para os apostolos da santa causa da civilisação.

TRABALHOS GEODESICOS DO REINO. *

463 Estando proximo o inverno, e começando os povos a agitar-se a ponto de não ser possivel continuar os nossos trabalhos, que dependem essencialmente de paz e socego, recolhemos á capital nos fins de outubro de 1846. Seguiu-se depois o horrivel flagello da guerra civil, em que este desgraçado reino se achou envolvido; todos pegaram em armas. Restabelecido felizmente o socego; restituidos á Commissão da Carta do Reino alguns dos officiaes, que se achavam ás nossas ordens; só em agosto de 1847 podémos continuar os trabalhos, de que nos achavamos occupados no anno antecedente: a topographia começou apenas com uma unica plancheta; e fizeram-se tambem em varios pontos algumas observações de 2.ª ordem, de que resultaram 165 series de angulos, e 130 series de distancias zenithaes.

As bellas estações do anno sendo exclusivamente empregadas nas observações dos angulos, distancias zenithaes, e trabalhos de plancheta; o inverno é então reservado para todos os trabalhos graphicos e fastidiosos calculos numericos, de que a geodesia depende, e em que muito abunda. Foi por tanto nos invernos, (e tambem nos intervallos, em que as revoluções não permittiram trabalhos de campo) que se fizeram e redigiram todos os calculos, relativos á medição da base; á determinação da latitude do Observatorio do Castello, e do azimuth do Bugio; á verificação de dezoito triangulos de 1.ª ordem, cujo maximo erro em lados de 10 para 11 leguas talvez não chegue a uma braça; abrangendo todos estes triangulos uma superficie de 280 leguas quadradas. Tambem no inverno se procedeu aos calculos de uma vasta triangulação de 2.ª, 3.ª, 4.ª, etc., ordem, compreendendo o terreno, limitado ao sul pelo Montijo, Cacilhas, S. Paulo, Trafaria, e Bugio, ao norte pelo parallelo da Senhora do Soccorro (quasi duas leguas ao norte de Mafra) ao occidente pelo Oceano, e ao oriente pelo Téjo.

Todos estes trabalhos, que formam já dois grossos volumes, vão felizmente, sendo impressos pela Academia Real das Sciencias, e incorporados nos tomos de suas Memorias. É innegavel, que a Academia faz n'esta impressão uma grande despeza, e um grande serviço publico: se assim não fosse era muito provavel, que os documentos originaes desapparecessem das repartições publicas, como infelizmente aconteceu aos do Dr. Ciera, e por consequencia morressem antes de serem examinados e corrigidos pelas pessoas competentes. E como a Academia imprime e publica uma collecção em separado e completa de todos os trabalhos geodesicos do reino, julguei uma verdadeira ociosidade occupar os officiaes, que tanto tem a fazer, em tirar cópias, que facilmente se erram, de originaes, cheios de muitas formulas, taboas, e calculos numericos para as remetter depois ás diversas auctoridades, havendo a facilidade de se lhes enviarem exemplares impressos bem correctos.

Todo o terreno até agora levantado fórma, na escala de $\frac{1}{10000}$, oito folhas minutas de 0,8 m de comprido, e 0,5 m de largura cada uma, das quaes esperamos dentro em pouco appresentar cinco, que se estão passando a limpo. A topographia appresenta todos os detalhes, de que a escala é susceptivel, e por isso mostra quasi todas as divisões da propriedade e da cultura; indica as cotas de nivel das elevações e valles mais notaveis sobre as aguas do Oceano; e deduz-se facilmente a posição geographica de qualquer ponto, por meio dos meridianos e parallelos terrestres, traçados segundo o systema de projecção, adoptado no deposito da guerra em França.

Sentimos bastante, que todos os trabalhos, até agora executados, não offereçam mais vasto campo para uma exposição de maior interesse; é porém certo, que com os meios, de que temos podido dispor, não julgamos possivel, que se podessem adiantar mais. O rapido desenvolvimento das operações geodesicas, cadastraes, e topographicas, dependem da existencia simultanea — 1.º de uma boa direcção scientifica — 2.º de um certo pessoal technico — 3.º de paz e socego — 4.º de meios pecuniarios — 5.º de bons instrumentos.

A direcção scientifica não tem sido, na verdade, a que lhe desejavamos dar. A ordem, que convinha seguir n'estes trabalhos, a fim de ter a mais perfeita ligação, seria, se houvessem os meios precisos, fazer progredir primeiramente, com actividade, a triangulação de 1.ª ordem ou fundamental em todo o reino: logo que estivessem definitivamente promptos alguns triangulos de 1.ª ordem, e seus nivelamentos respectivos, tratar de os encher com os triangulos de 2.ª, 3.ª, 4.ª, etc., ordem: concluidas estas ultimas triangulações, e tomando-as por base, começarem em seguida os trabalhos de plancheta, levantando as plantas cadastraes nas competentes escalas: reduzir depois estas plantas á escala de $\frac{1}{10000}$, pôl-as na plancheta, e á vista do terreno desenhar a configuração: e collocar finalmente nos logares mais convenientes as cotas de nivel. D'este complexo de trabalhos, é claro, que resultariam, quasi ao mesmo tempo, os fundamentos da theoria sobre a verdadeira figura da terra, o cadastro, e a carta topographica do reino.

Infelizmente não tendo podido verificar-se as condições acima estabelecidas, senão de um modo mui acanhado e precario; não nos achando além d'isso auctorisados para desenvolver trabalhos cadastraes, foi necessario dar-lhes outra direcção, subordinada á força irresistivel das circumstancias, isto é, fez se o que se pôde, e não o que se devia.

A falta de um pessoal habilitado theorica e praticamente no methodo e systema completo de todos estes trabalhos, tem sido, principalmente nos primeiros tempos d'esta empreza, um forte embaraço para o seu progressivo andamento. É geralmente sabido, que as sciencias applicadas pouco desenvolvimento teem tido entre nós, e se em particular considerarmos o adormecimento, em que estiveram os trabalhos geodesicos por espaço de 32 annos, não é para admirar, que perdessemos o gosto pelo estudo d'esta sciencia, ficando em completo esquecimento. O Dr. Ciera deixou n'este ramo apenas dois discipulos, os Generaes Caula e Folque; o primeiro já não existe; e o segundo

* Vem do n.º 26.

tem a mui respeitavel e priviligiada edade de 104 annos. De mais, como nos antigos quadros de estudos de todas as nossas Academias não entrava o ensino da geodesia, de tudo isto devia necessariamente resultar a sensivel falta de um pessoal technico na sciencia do engenheiro geographo. Felizmente o renascimento dos trabalhos geodesicos do reino em 1835, e a creação da cadeira de astronomia e geodesia em 1837 na Eschóla Polytechnica, completando o ensino theorico e pratico d'este ramo do serviço publico, tem já produzido um certo pessoal, de que muita vantagem se póde tirar nos trabalhos geodesicos, cadastraes, e topographicos do reino, se o Governo quizer e podér fazer as despezas, que todos elles demandam.

Se a cultura das sciencias exige certas commodidades e tranquillidade de espirito; se todos os trabalhos publicos dependem do estado pacifico dos povos, é evidente, que os trabalhos geodesicos não carecem menos destas condições; quem soffre as privações e incommodos inherentes a excursões feitas pelas aridas charnecas e asperas serras de Portugal, ou por entre povos bastante rudes, não precisa, que se lhe accumulem as funestas consequencias das revoluções continuas deste malfadado paiz, para esses trabalhos se tornarem absolutamente impraticaveis. Com effeito os officiaes engenheiros, encarregados destes trabalhos, posto que tenham toda a prudencia e bom juizo para viverem em harmonia com os povos, por onde teem de passar repetidas vezes, com tudo o povo, nimiamente desconfiado, vendo os pelas alturas com oculos e instrumentos, julga quasi sempre serem estas causas presagios de guerras ou de novos tributos: se é facil dissuadil-os desta persuasão em tempos tranquillos, pelo contrario é isto impossivel nas crises revolucionarias; e a experiencia nos tem mostrado, que em épochas taes é preciso abandonar os trabalhos, porque a desconfiança de todos e de tudo torna-se então perigosa. Foram estes os motivos das interrupções, que os trabalhos de campo tiveram no decurso dos dois periodos de 1835 a 1838, e de 1843 a 1848, em que tenho estado encarregado desta commissão.

Quem tiver lido a historia dos trabalhos geodesicos e topographicos da França, facilmente aprecia o tempo e os capitaes, que devem ter absorvido; e o que a este respeito acontece em França, tem succedido em todos os paizes, que se occupam de similhante objecto. O nosso Governo parece ter querido a continuação dos trabalhos geodesicos, e a confecção da carta topographica do reino; mas por um esquecimento inexplicavel tem constantemente deixado de propor no orçamento uma certa verba, sem a qual é absurdo esperar, que elles possam ter um maior e mais regular desenvolvimento. Na verdade sem construir os signaes ou pyramides permanentes; sem possuir bons instrumentos, que facilitem as observações, e possam garantir a sua exactidão; sem boas planchetas e mais utensilios, que abreviem os trabalhos topographicos; sem meios promptos para satisfazer todas as mais despezas, de que dependem, como se poderão conseguir tão importantes resultados? Todos sabemos infelizmente, que o Governo não póde dispor de sommas mui avultadas, mas se é verdade, que a Carta Topographica do Reino é um dos fundamentos de uma administração illustrada, é preciso que se faça algum esforço pecuniario para se conseguir tão importante fim; por pequeno, que seja esse esforço, serve elle de grande auxilio, porque o tempo e a perseverança tudo vence.

A falta de meios para este ramo do serviço tem sido tão extraordinaria, que não podemos deixar de appresentar alguns factos para esclarecimento de todos. A difficil e dispendiosa medição da Base entre o Montijo e Batel teve por origem o desapparecimento da lage, enterrada no Batel pelo Dr. Ciera em 1794, na qual estava marcado um dos extremos da dita Base. Se logo naquella épocha se tivessem construido as duas pyramides permanentes no Montijo e Batel, por certo não se teria feito tanta despesa com a nova medição em 1835. Logo que concluimos esta operação, não podiamos com o funesto exemplo do passado supportar a idéa, de se não construirem nos extremos desta base as duas pyramides permanentes. Cançados de representar os inconvenientes de similhante falta, e appellando para o sentimentalismo, resolvemos mendigar pelas diversas repartições do Estado os materiaes precisos para esta construcção; e empenhando todas as nossas relações, e amigos, podémos finalmente conseguir, que em 1838 (pouco depois de sermos dispensados destes trabalhos) se construissem as referidas Pyramides no Montijo e Batel. É por tanto do nosso dever dar neste logar um testimunho de gratidão ás pessoas, que mais efficazmente contribuiram para este objecto de serviço e utilidade publica; foram elles Marino Miguel Franzini, Inspector da Cordoaria; João Pedro Nolasco da Cunha, Inspector do Arsenal da Marinha; e José Bento Fava, Inspector das Obras Publicas.

Por falta de meios mui diminutos tem sido tambem o pessoal, empregado em tão vastos trabalhos; e a respeito de instrumentos foi recentemente em 1845 e 1846, que obtivemos quatro Theodolitos de Troughton de diversas forças e grandezas; pelo mesmo motivo se acham egualmente por construir em todo o reino mais de quarenta pyramides; sem ellas não é possivel, que os trabalhos da alta geodesia possam continuar; todavia não sendo essencial, que todos se construam ao mesmo tempo, bastaria, que em cada anno se levantas em cinco ou seis para os trabalhos em grande se desenvolverem sufficientemente: cada pyramide tem 12 e 14 palmos de lado sobre a base, e 35 a 40 de altura; e o seu custo medio póde avaliar-se em 240$000 réis. Além das grandes pyramides é tambem necessario construir outras muito mais pequenas e baratas, as quaes são ás vezes indispensaveis para se formarem as triangulações das ordens inferiores; cada uma poderá importar em 10$000 réis.

A topographia não tem sido fornecida com mais abundancia de meios que a geodesia; o nosso Archivo Militar acha-se tam desprovido de instrumentos, que os trabalhos topographicos começaram com uma planchetа emprestada: depois que tomei novamente conta da commissão só em 1844 se passou ordem para no Arsenal do Exercito se construirem tres soffriveis planchetas; e em 1845 se encommendaram para França duas alidades d'oculo.

O desgraçado estado das nossas finanças tendo chegado a todos e a tudo, não é para admirar, que os soldos e gratificações dos officiaes engenheiros, empregados nos trabalhos geodesicos do reino, tenham egualmente passado por todas as vicissitudes da épocha; a natureza porém deste serviço, todo especial, collocaos em circumstancias tão singulares, que seria injusto

não as tomar na devida consideração. Os vencimentos legaes dos officiaes engenheiros são conhecidos de todos; as enormes despezas, que se fazem nas estradas e estalagens de Portugal ninguem ha, que as ignore; os trabalhos geodesicos dependem de continuas excursões, a maior parte das vezes por serras e charnecas, fóra de estradas e povoados: por mais economico que seja um official, a experiencia tem mostrado, que este serviço especial não se póde desempenhar sem soffrer grandes privações, e por ventura sem alguma quebra da dignidade da propria posição social. Se pois com o pagamento regular de seus vencimentos ainda este serviço é tão penoso, como se poderá elle desempenhar, quando sobre atrazos accrescem pontos, sobre pontos novos atrazos, sobre estes quinzenas, e sobre ellas ainda outros atrazos?! Direi mais, acha-se ordenado, que as despezas do expediente, de guias e praticos, da construcção de pequenos signaes, da conducção de instrumentos etc. sejam feitas pelos officiaes, e pagas depois por meio de folhas competentemente legalizadas: acreditar-se ha, que a importancia destas folhas, que representam dinheiros adiantados ao estado pelos officiaes, lhes seja paga tres e cinco mezes depois do serviço se ter concluido?! — É forçoso confessar, que não ha zelo, nem brio, nem mesmo amor de sciencia, que possa supprir tão intensas e repetidas faltas de meios.

Causa na verdade grande desgosto, a quem dirige trabalhos scientificos de importancia, vêr-se continuamente forçado a combinar as apuradas circumstancias do Thesouro, com as exigencias inflexiveis da sciencia; se os recursos da imaginação e de algum talento as póde supprir a certos respeitos, na maior parte dos casos a habilidade mais provada e reconhecida cahe na presença das difficuldades. Se pois com a viva fé, que resulta da intima convicção da verdadeira utilidade dos trabalhos geodesicos e topographicos na boa administração de um paiz, se pertende, que elles tenham entre nós um desenvolvimento regular, é de justiça, para que não se comprometam nem desacreditem as pessoas delles encarregados, que se verifiquem as seguintes condições — 1.° que o Governo proponha no orçamento uma verba para as despezas dos trabalhos geodesicos e topographicos do reino — 2.° que se construam em cada anno, cinco ou seis pyramides de 1.ª ordem — 3.° que se compre um Circulo Repetidor portatil; dois Theodolitos de Trougthon; e seis boas Planchetas com todos os seus pertences, e munidas de alidades d'oculo — 4.° que nos trabalhos effectivos da topographia se empreguem pelo menos seis planchetas — 5.° que as despezas, feitas pelos officiaes com o expediente, guias, praticos, construcção de pequenos signaes, conducção de instrumentos, utensilios, e bagagens, sejam pontualmente pagas, logo que as folhas das despezas estejam legalizadas e processadas — 6.° que os vencimentos dos officiaes, empregados nestes trabalhos, sejam pagos o melhor possivel, em attenção a terem de pagar de prompto despezas, que não admittem especie alguma de transacção — 7.° que o director dos trabalhos seja auctorisado a organizar as instrucções, que devem regular todo o serviço geodesico e topographico.

Tendo exposto a Vossa Magestade, como era do meu dever, o estado dos trabalhos geodesicos e topographicos do reino; quaes os embaraços, que mais ou menos teem difficultado a sua execução; bem como as providencias, que julgo indispensaveis tomar para o seu melhor e mais regular desenvolvimento; cumpre-me tambem na qualidade de professor desta especialidade na Eschola Polytechnica, dár um testimunho publico do modo, como tenho desempenhado os trabalhos, de que o Governo me encarregou. Forte na convicção de ter feito tudo, o que de mim depende, no desempenho desta commissão, peço respeitosamente a Vossa Magestade me conceda licença para publicar o presente relatorio; o juizo imparcial dos homens da sciencia, se por ventura me fôr favoravel, será mais uma garantia para a continuação da confiança, com que Vossa Magestade se tem dignado honrar-me, sem a qual eu não posso, nem deve continuar a dirigir similhantes trabalhos.

Deus Guarde a preciosa vida de Vossa Magestade, por muitos e dilatados annos, como todos havemos mister.

Lisboa 3 de abril do 1848. *Filippe Folque*
Ten. Cor. Gra. Eng.

RECEITA DE TINTA AZUL PARA ESCREVER.

464 Prepara-se esta tinta fazendo uma dissolução de iodureto de ferro, e dissolvendo n'este metade do pezo do iodo já empregado. — Lança-se depois esta mistura em uma dissolução meia saturada de prussiato amarello de potassa, e empregando um peso de sal egual ao de todo o iodo em dissolução.

N'este mixto o cyanogenio de prussiato e o ferro se combinam, e se precipitam em fórma solida, e o potassio une-se ao iodo para formar um iodureto neutro d'este metal, que fica em dissolução com uma pequena parte de iodureto de ferro.

Feito isto, filtra se e lava-se o precipitado de cyanureto de ferro, que dá um azul de Prussia soluvel, que se dissolve depois em agua, e fórma uma tinta azul mui boa.

QUADRO SUMMARIO DE TODOS OS MEIOS PROPOSTOS ATÉ 1846 PARA A CONSERVAÇÃO DAS MADEIRAS.

465

1657. — *Glamber*. Alcatrão vegetal e acido pyrolignoso. — A madeira é metida no fogo, coberta depois com alcatrão, e immergida em acido pyrolignoso.

1740. — Exposição das madeiras ao vapor.

1798. — *Volmeister*. Solução de sal marinho. Untada, e immergida.

1806. — *Perkins*. Sal marinho. Enche-se o intervalo, entre as diversas partes da madeira de construcção, de sal bem secco.

1815. — *Bowden*. Agua do mar. Immersão de muitas semanas em agua do mar.

1820. — *Pasley*. Liquidos que se não decompoem, como os acidos. A madeira é fervida em agua commum, e depois impregnada d'aquelles liquidos conservadores.

1821. — *Knowles* e *Davy*. Clorido de mercurio. Immergem-se n'elle as madeiras.

1821 — *Dinsdale*. Alcatrão vegetal de que se extrahiu previamente o acido pyrolignoso. Esfregações ou immersões repetidas.

1822. — *Prechtl*. Vapores de alcatrão. A madeira é primeiro exposta ao vapor da agua só, depois ao vapor de uma mistura de agua e alcatrão.

1823. — *Oxford.* Oleo de alcatrão, tratado antes pelo chloro gazoso. Camadas repetidas.

(Continúa.)

CATHECISMO DO OPERARIO. *

VI.

ORGANISAÇÃO DO TRABALHO.

Da repartição dos lucros entre o mestre e o operario.

466 Parece muito justo que os ganhos de uma empreza aproveitem equitativamente a todos os que contribuiram para elles.

São, porém, necessarias duas condições previas.

A primeira é que haja entre o mestre e o operario, que deve ter quinhão com elle, um vinculo que assegure a cooperação deste na empreza até á conclusão da mesma.

Segunda, que haja lucro a dividir.

Por quanto, por uma parte, se ao operario é livre abandonar a empreza antes de terminada para tomar outro trabalho, que lhe pareça mais vantajoso, com que direito, havendo lucros, elle desertor concorreria com seus antigos camaradas, que ficaram sujeitos talvez aos trabalhos mais penosos, ás probabilidades mais duvidosas da tarefa começada em commum?

É preciso, por outra parte, para dividir lucros que estes realmente existam no momento da partilha: de outro modo é hypothetico e o mestre que pagasse em bom dinheiro esse lucro esperado aos operarios de uma officina, que se dissolve antes de realisado aquelle, expor-se-hia effectivamente a duas perdas.

O ganho só é real, só é *tangivel*, quando o ultimo pagamento do preço da obra ou da empreza, e por consequencia a garantia, se a houve, caducou.

Até este ponto ameaçam mil eventualidades perigosas.

Por tanto, se o emprehendedor tiver dividido prematuramente lucros hypotheticos, que recursos (porque ninguem lhe negará a justiça delles) lhe ficam contra os seus operarios, dispersos talvez, principalmente se os trabalhos foram de construcção, como acontece depois de finda a obra, e até no fim de cada estação?

Que devemos concluir disto? Que a associação do mestre e do operario é impraticavel?

Não: mas que ella nem sempre é possivel, e que em todo o caso nem sempre é fructuosa.

A possibilidade da associação existirá onde a natureza do trabalho congrega operarios sedentarios. Esta permanencia lhe dá tempo de esperar a realisação dos lucros, e segura aos mestres a possibilidade de fazerem successivamente a compensação de ganhos e perdas.

Póde tambem dar-se, quando se trata de uma obra de curta duração, seguindo-se o pagamento á entrega da mesma, e bem assim a desoneração de toda a garantia ulterior.

É necessario não confundirmos o que é *justo* com o que é *egual*.

A egualdade em o nosso caso seria desegualdade, porque os encargos não são os mesmos.

O mestre supporta encargos taes como os impostos, as licenças, o aluguer do estabelecimento, o fornecimento e conservação dos instrumentos, excessivamente caros em certas industrias, que são alheias do operario individualmente.

Além disso emprega os seus capitaes, o dote de sua mulher, a fortuna de seus filhos, captiva a sua responsabilidade: e assim está exposto a eventualidades particularmente suas, coisas que não dão o menor cuidado ao operario.

Elle é quem procura, encaminha e segue os negocios, e alcança para os obreiros trabalho, que não teriam senão fóra a actividade delle, a sua intelligencia e reputação, e a confiança que inspira.

Ora, tudo tem seu valor neste mundo: e em materias de industria, como o seu primeiro fim é sustentar quem a exercita, bem como a sua familia, todo o valor traduz-se em algarismos.

A quota do mestre, do emprehendedor, do capitalista, que faz as vezes delles, deve de necessidade ser mais forte proporcionalmente que a do operario, que começa, seja bom ou máu o negocio, por embolçar o preço do seu trabalho diario, que não é exposto nem á liquidação, nem a processos de credores, e que tendo acabado a officina ou o trabalho póde ir levar seus braços a outra parte, ao passo que o mestre arruinado de fortuna fica na impossibilidade de continuar a sua carreira.

VII.

Das associações parciaes.

Em todos os casos em que é possivel a associação, é tambem possivel, pelo menos em these, que os operarios se associem entre si, quer para trabalhar em commum, durante um tempo dado, mais ou menos dilatado; quer, somente para a feitura de uma obra ou empreza; quer, e tambem somente, para estabelecer entre si a communidade de ganhos, deixando a cada um a liberdade de exercitar seu mistér, onde e como lhe parecer.

O principio de associação será salutar para os trabalhadores, por isso que prestará a cada um a força collectiva, infinitamente superior á força individual: porque favorece o desenvolvimento das luzes necessarias para julgarem mais maduramente de seus verdadeiros interesses, do que o poderia fazer o homem só per si: porque, é o unico meio de pôr termo á especulação opprobriosa para o trabalhador, pela cobiça, que o avilta, embrutece, e exhaure de forças antes de tempo; e que muitas vezes o impelle por excesso de miseria ao maior desdoiro da especie humana, ao roubo, e ao assassinio.

Comtudo, a associação a par de suas immensas vantagens offerece tambem seus perigos, e difficuldades.

Torna-se em attentado contra a liberdade, quando se faz exclusiva e oppressora. Já vimos como e quando a oppressão se desenvolve.

Passa a ser um suicidio em vez de protecção, se acaso é exigente e sem intelligencia; se dá em resultado, em vez de melhoramento da condição do operario, a morte do trabalho elevando a producção acima do preço a que póde chegar o consumo. Ora, matar o trabalho é evidentemente matar o operario. Já dissemos isto; mas nunca será em demasia repetil-o.

As difficuldades consistem (e são graves) em que a associação, entre operarios para especularem n'uma industria ou para a feitura de uma obra, exige muitas vezes ou um local espaçoso e conveniente, e utencilios adequados, ou o adiantamento de fundos consideraveis, para a primeira entrada e para o costeio, que os associados não possuem.

* Vem do n.º 26.

Portanto, operarios, associae vos, mas livremente, sem coação de pessoa alguma. Não seja a associação mais do que um novo vinculo entre irmãos; mas não vos esqueça de que são tambem vossos irmãos os que não se submettem á associação; e que tem, como vós associados, os mesmos direitos á luz do sol, e ao pão ganho com o trabalho; e que deve cada um, no governo republicano, gozar da liberdade de aproveitar-se do sol como lhe aprouver, e de comer o seu pão na meza que lhe agradar. *(Continúa.)*

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XXVI.

467 Assim como ao feliz socego da minha vida, se vieram ligar os tristes acontecimentos em que não tomei parte, tambem a estas paginas, em que deixo as memorias do que sinto, terei de juntar a recordação dos estranhos sentimentos, que me involveram na desgraça, em que vivo.

Começo a vêr que formarão um livro. Não sei o que elle é; não sei o que virá a ser, mas chegou a ponto de que o não escrevo só para mim.

Deus permittisse que eu fôra o fraco instrumento da sua Omnipotencia, e que as minhas palavras toscas, mas verdadeiras, valessem, um dia, a tantos infelizes, que ainda povoarão este segundo valle de Josaphat, onde a justiça, tão fallivel, quanto Deus é infallivel, quotidianamente separa os que julga innocentes dos que julga criminosos.

Hoje porei de parte as considerações, que este ponto me suscita.

Estou na situação abstracta, em que a alma se acha na proximidade de um grande acontecimento, que já é esperado.

Só quem passa por estas transições, é que as poderia comprehender.

Quem as sente, não as sabe explicar.

Nunca estive mais ancioso ácerca do futuro; e, apezar disso, parece que a tormenta de tantas magoas se me adormeceu no coração. Julga-lo-hia sarado de muitos padecimentos, se uma dor aguda e repetida me não trouxesse continuamente ao pensamento, com a recordação de um nome, a imagem da minha desesperada e verdadeira situação.

Margarida é para mim como a consciencia da vida.

Quando o somno breve e poderoso da fadiga me quebra as faculdades da existencia, a sua lembrança vae recolher-se em um ponto, donde domino esse naufragio, em que por algum tempo se perdem todas as idéas, todos os desejos.

E a este nome abençoado, outro vem juntar-se agora, sobre o qual não lanço a maldicção, por que o homem nunca deve amaldiçoar a mulher.

É impossivel, que a maldicção sáia dos labios, quando no coração vive o amor de filho enlaçado com o amor de amante.

No correr da minha vida, essas duas mulheres se ergueram como uma revelação do que se passa no mundo.

Uma, ainda envolta nessa casta luz de santa innocencia, que parecia conduzi-la para a mansão eterna, ou traze-la dessa celeste morada; e a outra afogueada pelos reflexos de uma chamma, que parecia a luz que eternamente arde na poisada dos anjos perdidos.

Pobre Pedro! Amava aquella mulher como um louco!

Eramos amigos da infancia. Abria-me toda a sua alma, como se fôra um livro.

Para o bem e para o mal, o amor é um poder immenso.

Nesse coração aprendi quanto é grande a influencia que as mulheres exercem nos destinos do mundo.

A alma, que se lhe escravisa, caminha direita ao abysmo da perdição, ou sobe para a bemaventurança eterna, segundo é guiada pela mão de quem possue o segredo de todas as suas faculdades.

Pedro tinha dó de mim, porque Margarida mal me deixava perceber o amor, com que a sua alma se ligava á minha.

Chamava-me louco, quando via como eu empregava parte da vida no estudo de um coração, que só eu entendia. Repetia-me todos os dias: — « Empregas mal essa paixão... respondem com indifferença aos teus extremos... e se um olhar, se uma palavra te revelam o seu amor, tudo são illusões, que não podem egualar a minha felicidade. »

Poucos momentos antes de expirar, no passeio que demos, de sobra provava que era elle e não eu o illudido.

O amor de Margarida era santo, casto, e formoso como o céu donde parecia vir.

Quando a bençam da Egreja estava quasi para nos unir, ainda ella temia confessar o que eu, por fortuna minha, havia com tanto susto descoberto no seu coração.

Um amor, que nasce, que se desenvolve assim,

* Vem do n.º 26.

receoso de si, do mundo, e do proprio ente, em quem se emprega, é eterno.

O imperio, que eu tinha naquella alma, só o conheci bem no dia da minha prisão.

A dôr é uma prova a que se não resiste.

Um gemido bastou para que perdesse a rasão, pronunciando o meu nome!!

Ao pranto, que precedeu o brado, em que, pela primeira vez, me chamou seu, seguiu-se uma risada descomposta, que me repassou a alma com um terror mortal.

Margarida!... choro hoje, com amarga saudade, esse affecto, que, até ao momento da nossa separação, esteve quasi que enthesoirado na tua alma.

Foi só então, nesse momento, em que te perdi, que eu avaliei bem o que é o amor de uma mulher. Conheci que por muitas vezes fui injusto comtigo, julgando que o meu amor não podia ser egualado.

Enganara-me, e oxalá que um dia eu podesse realisar os sonhos de felicidade, que estas reflexões me suscitam!

Não o poderei... não... porque outra mulher veio matar as nossas esperanças, fazendo a desventura de dois homens!

Que será feito de Justina? Talvez folgue e ria, em quanto uma cruz, no meio do campo, marca o logar, em que por sua causa expirou um homem, que tanto a amava... em quanto Margarida está doida, e eu preso... em quanto esse homem, que ella tambem perdeu, amaldiçoa talvez o seu nome no inferno do remorso.

¡Como a differença das almas se traduzia nos rostos!

Margarida risonha, animada sempre pela innocencia do coração, parecia, que tinha nos olhos o reflexo da alma toda allumiada pela suave luz do céu. Deus correndo um véo de rubor sobre as candidas faces desse anjo, parecia querer mostrar como a côr intensa e brilhante dos labios se podia perder até se sumir mysteriosamente pela alvura da pelle.

Cabellos negros e bastos eram o engaste de tam engraçada cabeça de seraphim talhada para enlêvo e respeito de quantos a viam. A comparação não deixava de ser verdadeira em tudo. O seu corpo, pelo garbo e ligeiresa das fôrmas, parecia proprio para ficar suspenso entre o céu e a terra, envolto nessa alva roupa de que a phantasia veste os anjos, que a povoam nos seus mais atrevidos sonhos.

Margarida!... a imagem, que estou traçando no papel, tenho-a diante de mim, em todas as horas, em todos os momentos!

Seria uma profanação juntar-lhe a de quem nos fez desgraçados.

(Continúa.)

Novamente se publica a scena 2.ª do acto 1.º da traducção de *Marino Faliero*, do Sr. Mendes Leal, por se ter publicado, em o n.º anterior, com a falta de um quarto do original. Repetimos a publicação, para que não ficasse incompleta tão preciosa joia da nossa litteratura.

MARINO FALIERO. *

TRAGEDIA DE MR. CASIMIR DELAVIGNE.

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES.

POR

J. da S. Mendes Leal Junior.

ACTO I.

A Camara do Doge.

SCENA II.

HELENA e FERNANDO.

468 FERNANDO.

Basta!
Socegae-vos, ficae. — Não tarda o Doge.
Cuidando-me fugir, fugieis d'elle:
Podeis ficar, senhora. — Seu sobrinho
Sem susto, juncto a vós, deve esperal-o.

HELENA.

Nada direis que ouvir-vos eu não possa.
Fernando, ficarei.

FERNANDO.

Voltaes os olhos,
Esses olhos que eu proprio tam depressa,
E tam triste esquivei? — Dae-me sómente
Poucos dias, alguns — e parto; e, longe,
Meu supplicio farei, remindo o vosso.
Mandaes que vol o jure?

HELENA.

Fôra inutil!
Que importam juras a quem juras quebra?

FERNANDO.

D'uma auzencia d'um anno o premio é este?

HELENA.

Curta, qual foi, devêra ser eterna!
Mas o exemplo dei eu. — Á fé mentindo
Já direito não tenho de exigil-a!

FERNANDO.

Foi minha a culpa; eu fui o só culpado.

* Vem do n.º 25.

HELENA.

Meu remorso encobrir tentaes embalde,
E porque? para que? — remorso vivo
Sois vós mesmo, que eu vejo e que eu tolero.
Ai! sois... — Mas onde hei-de ir? Como vencer-me?
Onde hei-de achar valor, e alento, e esforço
Para esta alma abafar, domar-lhe o impulso,
E os ais e o coração gelar nos labios?
Para muda ficar, e vêr, entre ambos,
O parente por vós atraiçoado,
E o que eu propria trahi... — Ai! não...
(Suspende se com horror, depois emenda.)
Sim: — quero,
Quero forçar meu rosto a ver seu rosto;
A sorrir, a enganar como innocente;
Que elle ha-de em vão mentir: — se a voz, se o gesto,
E os olhos meus cançados, não fallarem;
Estas paredes fallarão por elles!

FERNANDO.

Tremei, oh! sim tremei de atraiçoar-vos!...
D'esse nobre ancião, que venero, ao lado,
Eu sinto o que sentis — soffro egualmente
Mas por elle e por vós constranjo o peito:
Elle a magoa o matara de perder-vos,
E a vós, senhora, a dor de o ter perdido.
Sabe Deus, sabe Deus que horrenda angustia
Ha pouco me assaltou, quando aos meus braços
Os seus braços paternos se enlaçaram!
Fugiu me o sangue, quando me cingia
O coração que o ama e que o offende;
E os prantos seus queimavam-me esta fronte,
Ardendo de pezar e de vergonha!

HELENA.

Buscaes então soffrer como hei soffrido?
Buscaes meu mal? — Porque?

FERNANDO.

Porque um momento,
Trocada a dor, me cesse outro martyrio,
Outro peior. — Ouvi me sem receio:
Amor não é: — se fosse... triumphára;
Tenho ainda valor! — Mas esta pena...
Esta pena cruel da desesp'rança;
Este mal, que não podem, no desterro,
Sentir nem conceber esses proscriptos,
Que, d'indole feliz, levianos passam,
Estrangeiros, nas praias estrangeiras,
Este desgosto ao solo que pisamos;
Este vago anciar a terra antiga...
Eis do que eu morro; mata-me esta febre;
Eis do que eu morro. — Mata me esta febre;
A febre lenta, que, no seu delirio,
Nos faz sonhar o céu da patria ausente:
Sim, mata-me este mal, que não tem cura,
Mal da saudade — mal que, a todo o instante,
Morrer nos faz, sem nunca nos dar morte.
Veneza...

HELENA.

Ai triste!...

FERNANDO.

Oh! bem, maior que todos;
Oh! patria, oh! doce nome, que somente
No exilio se avalia — nome santo,
Que apenas murmurei, entre suspiros,
Quando, ao partir, nas ondas transparentes
Veneza vi sumir-se. — Perdoae-me:
Helena, perdoae. — Distante d'ella
Quem, quem póde viver? — Se alguem seus ares,
Tam puros, respirou nas margens lindas
Um céu não vê no céu das outras margens,
Como a escura Allemanha, tristemente,
Co'as nuvens tristes me opprimia a fronte!
Como pallido e frio o sol lhe achava!
Taciturnos, sem luz, seus bellos dias,
Menos bellos os vi que as nossas noites.
Um só pensar me atormentava: e disse:
« Ó ventos do Adriatico, benignos,
Benignos me soprae » — Cedi; não pude:
Aquella aragem, que eu pedia aos mares,
Oh! que a senti tremer-me nos cabellos
E bebi-a — Que ar puro! — que frescura!
Ria, chorava — e quasi que já via
Correndo á minha voz, surgir das vagas
Palestrina e São Marcos! — Meus sentidos
Concentravam-se n'alma, inebriados
Da luz do dia, do cantar das aguas,
Das joias d'esse imperio do Universo,
Dos brincos, do rumor, e dos descantes
Que indolente murmura o gondoleiro!
Antes, mil vezes, ferros n'estes muros,
Que nunca esquecem — antes, se quizerem,
Um carcere cruel nos seus segredos!
Mais val a campa ahi, que, longe, um throno!
Ao menos, uma campa, em terra nossa,
O pé, que a fere, vae banhado em prantos!

HELENA.

Oh! se os vossos regassem meus despojos!...
Mas... não fui eu — e folgo de sabel-o —
Que vos trouxe, outra vez, ao patrio solo.
Não fui. — Morreu o amor que me ralava!
Se é culpado o grilhão, que o faz escravo,
Um nobre coração rompel-o sabe;
Não é isto, Fernando? — Emfim, agora,
Pois que Veneza todo o amor vos rouba,
Quem me déra, tambem, deixar Veneza;
E eu só perdel-a para a vós gozardes!...

FERNANDO.

Helena!...

HELENA.

Minhas lagrimas — que importam
Onde ellas vam correr? — Em liberdade
Talvez ao menos derramal-as possa.
O supplicio maior era occultal-as
Quando — morta aqui dentro — me cumpria
Minha dor apagar e os seus vestigios,
Para ás festas levar prazer fingido;
Feliz comtudo, porque em fim podia,
Cubrindo ardentes lagrimas no rosto,
A mascara fiel cingir-lhe instantes:

FERNANDO.

E o que eu soffri!...

HELENA.

Eu mais: — A nobre fronte
Do esposo moribundo, longo tempo
Neste peito encostei. — Á cabeceira
Do seu leito de dor, em vão chamava,
A tremer, e a finar-me de remorsos,
D'aquella vida os restos mal seguros.
Quando lhe via um somno convulsivo
Dobrar-lhe o mal, temia a cada passo
Que Deus, um sonho, uma voz da campa,
Lhe fosse revellar, a hora extrema,
No suspiro final, o meu delicto.
Oh! que vezes, então, julguei ouvir-lhe,
Entre os queixumes seus, minha sentença!
Como explicar a dúvida horrorosa
Em que est'alma incessante fluctuava
Quando, pondo-lhe a mão nos labios frios,
Lhe interrogava o sopro — e quando, em tudo,
Até no seu repouso via a morte!
Fui culpada, ó meu Deus, mas bem me punes!
Uma noite — era ardente a sua insomnia,
Ergueu-se, debruçou-se venerando,
E, pálido, estendendo os braços debeis,
A bençam me lançou, meigo sorrindo. —
Fallou me em vós depois.

FERNANDO.

Em mim!..

HELENA.

Que noite!
Horrenda noite, noite vingadora!
Não vos faltei, porém, ao promettido.
Mesmo juncto do altar guardei segredo.
Os dons que ao céu, anciosa, consagrava
Aos templos sanctos os levava a furto;
E, do perdão ao tribunal fugindo,
Atravessava muda as amplas naves.

FERNANDO.

Deus, porém, acolheu as vossas preces.

HELENA.

As preces dos Patricios, as do povo
As de Veneza inteira — e, por ventura,
Minhas preces tambem. — Mas vós, vós mesmo,
Que, menos que elle, compassivo eu acho,
Esses rogos, que outr'ora vos pungiram,
Foi para os esquecer que os escutastes?

FERNANDO.

Pela vez derradeira os oiço agora.
Parto, Senhora. — Os féros Genovezes
O Adriatico de novo audazes buscam:
Chamou-me a patria, porque a patria sabe
Que alguns dos filhos seus, n'esses combates,
Ham-de breve encontrar co'a a gloria a morte.
Socegae. — Se voltei, se torno a vêr-vos,
Voltei para morrer. — Já pouco tarda!

HELENA.

Para morrer, oh! céus!...

FERNANDO.

Mas este sangue,
Que o ferro vae beber — este meu sangue,
Antes d'ir derramal-o, onde Veneza
O quizer e o mandar, pulou-me ardente,
No coração, de jubilo e de esp'rança.
Palpitou-me de amor!... — Porque hei-de, ao cabo,
Suffocar nas entranhas este grito,
Terno grito final, que vae depressa
Um tumulo remir? — Ouvi-me, Helena:
Enganei-vos, menti — não era a patria
Éreis vós, que me daveis força ao peito;
Éreis vós, que eu buscava n'este clima,
N'estas margens floridas, que, inda agora,
São me nada sem vós, comvosco tudo;
Era a vossa lembrança, que, distante,
Devorava, encantava — era esta magoa
De que eu morro tambem — era o desejo
De penar, de soffrer onde soffresseis,
De espirar o frescor, que respirasseis,
Pouco, um dia — um dia só que fosse
De percorrer o Lido — de assentar-me
No logar em que, outr'ora, me assentava,
E onde o mar apagou nossos vestigios.
De, emfim, tornar a ver este palacio,
Cheio... cheio de vós... e essa janella
D'onde me suspirastes mil adeuses,
Onde outros tantos vos mandei partindo.

HELENA.

Por quem sois!...

FERNANDO.

D'esta vez a auzencia é eterna!
Não se deixa o sepulchro como o exilio:
Fugi d'este — d'aquelle não se foge.
Partirei — morrerei; seguro, ao menos,
De que a minha lembrança, d'ora avante,
Nunca mais — importuna, aborrecida,
Virá fallar-vos n'estes vãos tormentos.
E esse dom, que me havieis promettido,
Premio, que eu mereci, que em vão pedia,
Essa charpa — essa, nunca... — Deus! que vejo!
(Vendo-a e tomando a.)
Esta?... é esta!... eil-a que a tenho: — é minha!
Tu pensavas em mim? — oh! sim, pensavas!
Choraste, que está humida — choraste!
Teus prantos creio — creio, que os conheço!
Era engano, tambem, o que disseste;
Eram votos, que fiz, os votos d'ambos.
Posso — posso morrer! — que venha a morte!
Morro amado por ti — morro chorado!

HELENA, *querendo tirar-lhe a charpa ou banda.*

Fernando!...

FERNANDO.

Este presente precioso

Não me ha-de mais deixar: — É meu thesoiro,
Meu só bem — é-me vida! — Não mo tires:
Pouco tempo o trarei. — Não vês? — Seu lucto
É, de certo, um presagio. — Deixa: — um dia,
Algum dia virão trazer-to — aberto,
Manchado do meu sangue, e separado,
Separado, a final, eternamente,
D'este peito, como elle, exangue e roto:
Peito que, vendo os férvidos remorsos
Que o seu amor te causa, quiz, morrendo,
Para mais não te amar, não mais ter vida!

HELENA, *olhando com terror.*

Eil-o — o Doge!...

FERNANDO, *escondendo a charpa.*

Tomae sentido agora!
Constrangei-vos um dia — mais um dia;
Um só dia, sequer — Tende piedade
De nós — de todos tres!...

HELENA.

Cumpre que o faça!
Mas como hei-de atrever-me a pôr-lhe os olhos!
A encarar, sem tremer, aquelle rosto,
Aquellas nobres cãs!

FERNANDO.

Escura nuvem
Lhe traz toldada a magestade austera!

(*Continúa.*)

REVISTA ACADEMICA.

Folgamos em receber a boa nova de que vae continuar a REVISTA ACADEMICA. — É um Jornal de muitos creditos, que nos merece a maior consideração, e ao qual já em outro tempo, e n'outro jornal (1), tecemos o louvor que hoje de novo lhe tributamos ao inserir o seguinte: —

469 Sahiu á luz o ultimo numero do 1.° volume deste jornal, que contém: — D. Sancho II (continuação) — Instituto de Litteratura — Agricultor Michaelense — O Hercules Preto — Juiso sobre uma memoria ácerca dos officiaes de artilheria — Cemiterio Academico — o Frontespicio e o Indice deste volume.

Assigna-se para este jornal em Lisboa, na loja da Viuva Hedriques; no Porto na de Moré; em Coimbra na de Mesquita, Dardalhon, e da Universidade; e em casa dos Illm.os Srs. —

Pedro de Sousa Guedes de Aguiar	Guimarães.
Pedro João de Sousa Guimarães	Barcellos.
Joaquim João Judice.....	Alagoa no Algarve.
Luiz Gonzaga de Gama Lobo...	Extremoz.
J. Barbosa Cupertino.....	Figueira.
Bernardo Teixeira de Queiroz.	Aveiro.
Antonio Pereira da Cunha....	Vianna.
José Hermenegildo Xavier de Moraes.....	Rio de Janeiro.
Pedro Nunes Leal.....	Maranhão.
Christovão José d'Oliveira.....	Ilha da Madeira.
J. J. d'Oliveira Machado....	Ilha de S. Miguel.

Naquellas terras onde, por não haver ainda sufficiente numero de assignaturas, a Sociedade não tem correspondentes, as pessoas que quizerem assignar pódem dirigir-se directamente, em carta franca de porte, á redacção da *Revista Academica* em Coimbra.

Preço da assignatura por 12 numeros.... 720 rs.
Avulso..... 80 rs.

CONCILIOS GERAES QUE TEM HAVIDO NA EGREJA CATHOLICA.

470 No anno de 325, foi celebrado o primeiro concilio geral de Nicéa, na cidade de Bithynia.

No anno de 381, foi celebrado em Constantinopla o segundo concilio geral.

No anno de 431, se celebrou em Epheso, capital da Asia Menor, o terceiro concilio geral.

No anno de 451, se celebrou em Calcedonia o quarto concilio geral.

No anno de 553, por mandado do imperador *Justinianno*, se celebrou o quinto concilio geral, segundo de Constantinopla.

No anno 680 e 681, se celebrou o sexto concilio geral, terceiro de Constantinopla.

No anno de 787 se celebrou em Nicéa o setimo concilio geral, segundo de Nicéa.

No anno de 869, se celebrou em Constantinopla o oitavo concilio geral, quarto de Constantinopla.

No anno de 1123, se celebrou o nono concilio geral, primeiro Lateranense.

No anno de 1139, se celebrou o decimo concilio geral, segundo Lateranense.

No anno de 1179, se celebrou o undecimo concilio geral, terceiro Lateranense.

No anno de 1215, se celebrou o duodecimo concilio geral, quarto Lateranense; no qual se acharam presentes, com dois patriarchas do Oriente e com dois procuradores de outros dois, passante de 400 bispos e mais de mil abbades.

No anno de 1245, se celebrou o decimo terceiro concilio geral, primeiro de Leão de França.

No anno de 1274, se celebrou o decimo quarto concilio geral, segundo de Leão de França; ao qual concorreram dois patriarchas do Oriente, 500 bispos e 70 abbades.

No anno de 1311, se celebrou o decimo quinto concilio geral, em Vienna do Delfinado.

No anno de 1409, se celebrou o decimo sexto concilio geral, na cidade de Piza; concorreram 22 cardeaes, 4 patriarchas, 18 bispos, em pessoa e outros 12 por procuradores. 80 bispos, em pessoa e 102 por procuradores, 87 abbades, 4 geraes das ordens mendicantes, os gram-mestres de Rhodes e da ordem Theutonica, os deputados das universidades de Paris, Oxford, Praga, Cracovia e outras muitas, os embaixadores dos reis de França, Inglaterra, Polonia, Bohemia, Sicilia, Chypre, e Portugal, os dos duques

(1) A *Illustração.*

de Borgonha, Brabante, Lorena, Baviera, Pomerania e outros. Presidiu ao concilio o cardeal Pistoia, como decano de um e outro sacro collegio.

No anno de 1414, se celebrou o decimo setimo concilio geral, em Constança, cidade da Helvecia.

No anno de 1331 e seguintes, se celebrou o decimo oitavo concilio geral, em Basiléa.

No anno de 1439, se celebrou o decimo nono concilio geral, em Florença, que começou em Ferrara e acabou em Roma. N'elle se reuniu a egreja grega com a latina, concorrendo com os bispos latinos muitos bispos gregos.

No anno de 1512, se celebrou o vigesimo concilio geral, quinto Lateranense.

No anno de 1545, se deu principio em Trento ao vigesimo primeiro concilio geral, convocado pelo Santo padre *Paulo III*, continuado em 1551 por *Julio III*, e acabado em 1563 por *Pio IV*. O nosso *Diogo de Paiva e Andrade*, que foi a este concilio, escreveu uma erudita *Defensa da fé do concilio de Trento*, em muito bom estylo latino.

O Abbade Castro.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

DE 25 DE MAIO A 7 DE JUNHO.

Diario do Governo n.º 126.

471 Annuncio da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino de 27 Maio pondo a concurso, por 15 dias, contados da publicação do prezente annuncio, a Empreza da Navegação por barcos de vapor entre os Portos de Lisboa, Algarve, Madeira, Canarias, S. Miguel, Fayal e Terceira; segundo varias condições.

Dicto n.º 128.

Portaria da Secretaria de Fazenda de 30 de maio mandando que se abram, sem perda de tempo, os cofres das recebedorias, afim de se cobrarem os impostos em divida até 30 de Junho de 1847 pelo modo declarado na Carta de Lei de 23 do corrente mez de maio.

Publicação da communicação do Consul Geral de Portugal em Trieste, participando que o Imperador da Austria declarára em estado de bloqueio Veneza.

Dicto n.º 132.

Instrucções regulamentares para a forma da venda dos bens e remissão e venda dos fóros, e distrate de capitaes pertencentes á Universidade de Coimbra.

Instrucções sobre a venda e extracção da Loteria Nacional, no dia 5 de Julho.

Dicto n.º 133.

Notas do Banco de Portugal em circulação.	44:320$000
Depositos — moeda metalica,	193:968$556
Numerario metalico em caixa.	294:857$760
Prata além do dicto numerario	11:675$200

Aviso de que a Companhia das Indias inglezas annunciou a abolição das Leis de navegação e de todos os direitos sobre os generos, que passarem de um porto dos dominios da Companhia para outro. Exceptuam-se o sal e o opio.

PRAÇA DE LISBOA.

7 DE JUNHO.

472 Fundos publicos de 5 por cento, 47 a 48 por cento. — Acções do Banco de Portugal, 350$000 a 360$000 réis. — Acções das Lezirias, ha compradores a 420$000. — Acções sobre o Fundo de Amortização 53 e meio. — Escriptos admissiveis nas Alfandegas, 80 a 81 em moeda metalica. — Desconto de Notas, 52 por cento.

CEREAES.

Lê-se no *Moniteur Industriel*: —

473 O preço do trigo nunca esteve tão baixo como o está ao presente em França.

O curso actual é de perto de 20 por cento para menos do preço medio habitual do trigo em França. Depois de um anno de altos preços, e outro de fome, similhantes preços eram inesperados; porque não tem exemplo no passado. Accresce a isto que o anno corrente appresenta os mais favoraveis auspicios.

ROMANCES.

474 Publicaram-se em França:

Uma viuva inconsolavel, por Méry — 2 volumes.

A dama das Camelias, por Alexandre Dumas — 2 volumes.

Os cavalleiros do *Lansquenet*, por Xavier de Montepen — tomo 1.º e 2.º

Os mysterios de Roma, por Felix Deriege — 4 volumes.

O castello verde, por Méry — 2 volumes.

PRAÇA DE LONDRES.

475 21 DE MAIO DE 1848.

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco	7	p. %	191	3	Por 100.
Consolidados	3	»	84 1/4	3/8	»
Redusidos	3	»	82 3/8	5/8	»
Fundos	3 1/4	»	83 3/8	5/8	»
Exchequer bills			37	42	Premio.

ESTRANGEIROS.

Belgas	4 1/2	»	Sem preço.		—
Brasileiros	5	»	67	70	Por 100.
Dinamarquezes	3	»	Sem preço.		—
Hispanhoes	5	»	12	1/2	»
D.os	3	»	21 1/4	3/8	»
Hollandezes	4	»	61	62	»
D.os	2 1/2	»	41	42	»
Mexicanos	5	»	15 1/4	3/4	»
Portuguezes	4	»	16 1/2	17 1/2	»
D.os consolid., 1841		—	16 1/2	17 1/2	»
D.os divida interna.		—	Sem preço.		—
Russos	5	»	85	90	»

CAMBIOS.

Lisboa	51 3/4	—	Por 1$000 rs.
Porto	51 1/2		»

Rio de Janeiro.....		24½	nom.	Por 1$000 rs.
Bahia.....		—	—	—
Amsterdam.....	12	3	½	£
Hamburgo.....	13	14	½	»
Paris.....	25	40	45	»
Genova.....	25	70	80	»
Trieste.....		Sem cotações.		
Vienna.....				
Madrid.....				
Cadiz.....		44½	¾	Pezo.

MONTE DE SANTA CATHARINA.

476 A quem pertence a edificação, conservação, e concerto das muralhas publicas? É acaso á Camara Municipal? Á repartição das Obras Publicas? Ou ao Governo Civil? Não sabemos, mas qualquer que seja a auctoridade a quem isso compita, julgâmos do nosso dever chamar a sua attenção para o estado, em que se acha o Monte chamado de Santa Catharina.

Appresenta aquelle logar uma das situações mais agradaveis, pelo magnifico panorama que alli se desenvolve aos olhos, ou elles lancem a vista para o Oriente ou para o Occidente, ou para o Sul, onde as montanhas da Outra Banda se desenham no horisonte boleando os seus cumes como uma immensa Giboia que avança coleando em uma vasta planicie.

Mas em que estado se encontra aquelle sitio? No maior abandono e torpesa envergonhando esta soberba capital. Debalde se mandou adoçar a sua ladeira, calçando, e macadamisando o centro, offerecendo um transito mais suave, do que a calçada do Combro tão difficultosa de subir mesmo apesar dos ultimos melhoramentos! A orla da frente que não tem casas está sobranceira a alguns quintaes pertencentes a propriedades situadas na calçada de S. João Nepomuceno, que até agora era guarnecida por um pessimo, e tosco ripado de madeira, posto alli em attenção a repetidas queixas dos moradorea, cujos quintaes eram devassados por alguns ratoneiros e rapazes que dalli desciam, e sobre tudo pela queda de uma sege que para lá recuando resvalou, levando comsigo a parelha e o Bolieiro, que ficaram mui maltractados.

A existencia daquelle ripado era uma vergonha; era um deturpamento, e que não será agora que elle se acha quasi todo desfeito pelo tempo, e que só serve de accrescentar nova deformidade á deformidade, e inconvenientes que existiam.

Pede pois a commodidade dos habitantes daquelle sitio, o decoro, a decencia, e aformoseamento da capital, que o Monte de Santa Catharina seja terraplenado, plantado de Olmeiros, ou de outras arvores de grande copa, e o sitio daquelle malfadado e ridiculo ripado substituido por um muro, ou grade com assentos, tornando assim aquelle logar digno da sua bella situação, e proprio para ser, como já foi em melhores tempos, um commodo passeio, e praça de recreio nas madrugadas e tardes de verão, para os inquilinos daquelle Bairro, que não tem senão muito longe um sitio onde espaireçam e respirem um ar livre e salutifero.

Cumpre tambem que seja bem illuminado de noite, porque nas noites de verão será de certo mui frequentado.

Attenda pois a auctoridade a quem isto pertença, para o que levamos dito, examine por si mesmo, ou faça examinar por pessoa de sua confiança, e cujo voto seja de algum peso, o local de que fallamos, e depois dê as providencias necessarias, que de certo para levar-se a effeito, não demandam grandes trabalhos nem grandes despezas.

São tantos os melhoramentos que se tem feito em alguns sitios de Lisboa, que parece que só por esquecimento, é que este local póde ter ficado em abandono.

A nossa bella cidade tem o defeito de precisar muito de praças e largos, e por isso se torna mais indispensavel cuidar de aformosear esses poucos que temos, tornando-os proprios para recreio e espairecimento dos seus habitantes.

E porque se não procederá a plantar de arvores a praça das Flôres, a da Alegria, tam susceptivel de aformoseamento quando se lhe queira nivelar o centro, pondo lhe um parapeito e grade nos extremos das ruas calçadas, que ficam de roda na parte em que devem ficar mais altas, que o centro da praça depois de nivelado?

Nós não fazemos censuras; appresentâmos idéas, queremos o embelesamento da cidade, e pouco nos importa que seja pela fórma que lembramos, ou por outra que seja melhor e mais facil. Rogamos pois ás auctoridades competentes que se não descuidem de tão importante objecto.

C...

THEATRO DE D. MARIA II.

477 No domingo représentou se — O Almanak de Paris. — Parece que não terá grande voga. N'este ponto apenas escrevemos por informações. Se voltar á scena e a virmos diremos o que nos parecer.

O Trapeiro de Paris encheu de novo o theatro, e tem sido applaudido, como nas primeiras representações.

Na terça feira, nos intervallos de alguns dos actos e por obsequio ao beneficiado d'esse dia, a Sr.ª Librandi, justificou, mais que plenamente, o que em seu favor se tem lido, não só n'este jornal, mas em quasi todos os da capital.

A cavatina da opera — Montecchi e Capuletti — foi perfeitamente cantada. A voz da Sr.ª Librandi produziu, no Theatro Nacional, um maravilhoso effeito. A nitidez, a força e a expressão do canto percebia-se em todas as notas.

A execução foi interrompida varias vezes pelos applausos, que tambem no fim da cavatina, provaram á Sr.ª Librandi a simpathia que lhe tributa o publico.

A Sr.ª Paula Maria, no rondó final da opera — Ator — agradou: tem boa voz, e ha-de colher vantajosos resultados do estudo a que se entrega. Dizemnos que é discipula do Sr. Miró. A estrea honra a discipula e o mestre.

A Sr.ª Librandi e Paula Maria tambem cantaram, n'essa noite, um dueto, em que foram applaudidas, com justiça.